

CRISE DEMOCRÁTICA E A RELATIVIZAÇÃO DA VERDADE NO BOLSONARISMO

Emannuely Cabral de Figueiredo¹, Danielly Cabral de Figueiredo²,
Raynara Sousa Andreza³, Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho⁴.

Resumo: No presente trabalho, a abordagem construtivista acerca da verdade e epistemologia foi utilizada como base para o desenvolvimento de pesquisa essencialmente bibliográfica. Buscou-se analisar o modo como a sensação de crise institucional do país foi utilizada para a manipulação e relativização do conceito de verdade antes e durante a campanha presidencial de 2018 criando o cenário propício à disseminação de discursos de ódio aos estranhos à comunidade e o desenvolvimento de um possível governo de características pré-bonapartistas. Em especial, observou-se a influência da manipulação individualizada em redes sociais no contexto estudado.

Palavras-chave: Bolsonarismo; Crise democrática; Verdade; Redes sociais.

1. Introdução

Embora a democracia brasileira ainda esteja em vigor, a constante sensação de crise institucional têm gerado desdobramentos perigosos para a manutenção dos direitos arduamente conquistados. No âmbito político, o crescimento dos discursos de ódio ostentados pelo Bolsonarismo têm gerado cadeias de violência simbólica e fática, com desdobramentos muitas vezes taxados como fascistas.

Não obstante, ainda que não esteja tão longe das condições que deram origem ao fascismo, o panorama brasileiro aproxima-se ainda mais de um bonapartismo, que mantêm a fachada democrática em sua atuação opressora.

Através da manipulação das mídias e relativização dos conceitos de “verdade”, a sensação de crise instaurada no país foi utilizada como propulsora de um discurso desumanizante, cabendo ressaltar que diante da propagação de

1 Universidade Regional do Cariri, e-mail: emannuelycfg@gmail.com

2 Universidade Regional do Cariri, e-mail: daniellycabralf@gmail.com

3 Universidade Regional do Cariri, e-mail: raynaraandrzea@gmail.com

4 Universidade Regional do Cariri, e-mail: djamiro.acipreste@urca.br

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

um Estado que supostamente não funciona, os ideais punitivistas, de endurecimento das políticas criminais e de criação e anulação dos estranhos à comunidade encontraram terreno fértil para sua proliferação, em seus desdobramentos pré-bonapartistas:

[...] não existe um “empate” de forças sociais sobre o qual possa se erguer um árbitro (Bonaparte) que se apoie sobre o aparato militar para resolver a disputa em favor do capital. Ou seja, ao menos por ora não estaria colocada no Brasil nem a necessidade nem as condições para um regime bonapartista *strictu sensu*. No entanto, as forças de extrema direita desatadas por Bolsonaro, no caso muito provável de que ganhe as eleições, parecem antecipar uma espécie de governo pré-bonapartista judicial-militar, qualitativamente mais autoritário e reacionário do que o vivenciado sob o governo Temer. (MATOS, 2018).

Ademais, muitas das tramas desenroladas no cenário político brasileiro são uma repetição ainda mais polarizada do caso Donald Trump nos E.U.A., contudo, ao invés de buscar o protecionismo como os americanos, o Bolsonarismo é ainda mais austero e servil ao capital estrangeiro. Cabe, portanto, a pesquisa acerca do modo como os discursos foram apropriados e a verdade foi relativizada pela atuação midiática, refletindo-se acerca da proliferação da violência simbólica e dos usos dos aparelhos repressivos e ideológicos por parte daqueles que detêm o poder de estado.

2. Objetivos

2.1 Objetivo Geral: Expor o modo como graças à sensação de crise a verdade passou a ser distorcida em escala individual no Bolsonarismo.

2.1 Objetivos específicos: Tecer inferências acerca dos desdobramentos da “pós-verdade” ou mentira organizada na política brasileira e no retrocesso de direitos no país; Evidenciar os usos do discurso como ferramenta de opressão.

3. Metodologia

O presente trabalho caracteriza-se enquanto revisão bibliográfica, visando apresentar os desdobramentos da sensação de crise institucional brasileira (e sua apropriação pelos setores dominantes) quando da relativização do conceito de verdade nas campanhas bolsonaristas. Utilizou-se o método construtivista, considerado essencial para que se abordem temas relativos à verdade.

4. Resultados

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

Ao tratar da crise democrática brasileira é preciso que, inicialmente, sejam considerados os fatores que a desencadearam, de modo a criar um panorama geral do cenário nacional. Para tanto, pode-se retroceder ao período de redemocratização, de modo a observar que resquícios do período ditatorial não deixaram de existir nos breves anos de democracia vivenciados no país. Nas palavras de Marilena Chauí, nesse período “o processo político teve uma expressiva potência de destruição da ditadura, mas não teve igual potência para democratizar o país (CHAUÍ, 2007)”. Neste ínterim, o presidencialismo desenrolou-se de maneira extremamente problemática, em um formato de coalizão. Conforme elucida Daniel Matos:

A estrutura [...] do sistema político brasileiro – o chamado “presidencialismo de coalizão” – se baseia num mecanismo de extorsão/suborno permanente e “legalizado” entre o Poder Executivo e o Congresso, para a constituição de maiorias parlamentares servis aos interesses do capital financeiro e aos grandes monopólios. Em um dos países mais desiguais do mundo, [...] a “elegibilidade” dos parlamentares está vinculada à distribuição de verbas orçamentárias que o Executivo nacional tem o poder de conceder em troca do apoio a suas medidas. Um balcão de negócios permanente, lubrificado pelo financiamento das campanhas eleitorais aos políticos e partidos que respondem aos interesses do grande capital. É o chamado “fisiologismo”, a forma particular que adquire o “lobby” entre os interesses públicos e privados no Brasil. (MATOS, 2018)

Os fracassos do legislativo e executivo dentro desse modelo foram utilizados como material para a formulação da constante sensação de crise experimentada atualmente, Essa crise democrática, entretanto, não é sentida conforme os fatos ou igualmente distribuída entre os responsáveis, mas direcionada a entidades específicas, com intenções também pré-determinadas.

O descrédito institucional têm sido usado, em especial após as grandes manifestações de 2013, como um canalizador de discursos extremistas e de cunho fascista (ou bonapartista) em um alinhamento à direita e, mais recentemente, à uma extrema direita ultra-conservadora. O surgimento do Antipetismo deu-se dentro de um contexto em que a satisfação dos interesses das frações de classes dominantes exigia um retrocesso do estado de bem-estar social criado. Portanto, apesar da colaboração petista com os interesses das classes dominantes, a crise mundial de 2008 aliada ao fim do ciclo virtuoso da economia brasileira transformou o partido em um alvo, como elucida Matos:

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

Nesse marco, o PT foi eleito como o alvo privilegiado para “baixar” as ambições das grandes construtoras, petroquímicas e frigoríficas brasileiros que – com a ajuda dos bancos públicos como o BNDES – se alçaram como competidores internacionais, e para abrir espaço aos capitais imperialistas na gigantesca fonte de riqueza concentrada nas bacias do Pré-Sal e todo o enorme conglomerado de extração e refino de petróleo dirigido pela Petrobras. Ao que se soma a necessidade de obrigar as bases do PT a aceitar uma piora de suas condições de vida, e o retrocesso nos direitos sociais e trabalhistas para preservar os lucros capitalistas e garantir o ajuste fiscal necessário ao pagamento religioso da dívida pública. (MATOS, 2018).

Contudo, cabe questionar como se deu a manipulação da sensação de crise no país de modo a resultar no fenômeno do Bolsonarismo e na ascensão de um candidato de ultra-direita com ideais extremamente anti-democráticos e anti-plurais à liderança das pesquisas do segundo turno das eleições de 2018.

Conforme o entendimento de Louis Althusser, o poder de Estado é detido por classes dominantes, estando os aparelhos ideológicos e repressivos do estado a favor de tais grupos (ALTHUSSER, 1985). Na dinâmica da política nacional não se deu qualquer grande mudança estrutural, mas a velada disputa pelo poder de estado dentro das mesmas hierarquias já existentes. Assim, para que o Bolsonarismo se tornasse o representante dessas classes dominantes, uniram-se uma série de fatores, dentre os quais a relativização da verdade é ponto predominante. Como nas eleições dos Estados Unidos, onde Donald Trump saiu vencedor, a corrida eleitoral brasileira foi marcada pelo predomínio do que passou-se a denominar, num sentido pejorativo, como pós-verdade.

Deve-se ter em conta que a verdade enquanto conhecimento é individualmente construída, não existindo, como afirmou Nietzsche, verdades absolutas, mas interpretações da realidade (NIETZSHE, 2009). Não há em tal linha de raciocínio qualquer ameaça. Contudo, como esclarece Charles Feitosa ao tratar da questão sob o ponto de vista de Hannah Arendt:

O problema é que segundo Arendt a contemporaneidade é marcada por uma forma de “mentira organizada”, uma aliança entre os meios de comunicação e os regimes totalitários, onde toda a matriz da realidade pode ser falsificada através das estratégias midiáticas de manipulação em massa. O resultado não é mais apenas a substituição da verdade pela mentira, mas a paulatina destruição na crença em qualquer sentido que nos oriente pelo mundo. (FEITOSA, 2017).

Na configuração dessas estratégias midiáticas na campanha de Bolsonaro a atuação de Stevie Bannon (o estrategista-chefe da campanha de

XXI Semana de Iniciação Científica da URCA

05 a 09 de novembro de 2018
Universidade Regional do Cariri

Donald Trump) como conselheiro teve importância crítica nesse processo, repercutindo na utilização das redes sociais como instrumento de proliferação de notícias falsas, e publicações direcionadas em mídias como o Facebook e o Whatsapp.

Se antes a mídia tradicional podia manipular a população, a manipulação teria que ser feita abertamente, aos olhos de todos. Agora, todos temos telas privadas que nos mandam mensagens diretamente. Ninguém sabe que tipo de informação a pessoa do lado está recebendo ou quais mensagens estão construindo sua percepção de realidade. (AZZI, 2018).

A clara manipulação de informações com a demonização dos opositores foi o fator que gerou a franca expansão do Bolsonarismo, apelando para o medo e a rejeição da população como um meio de relativizar a verdade.

5. Conclusão

Diante do exposto, evidencia-se a necessidade de ter em conta tanto a inexistência de verdades absolutas quanto as possibilidades de manipulação de fatos/contextos a nível individualizado dentro do cenário das recentes inovações tecnológicas. O fato de a sensação de crise institucional ter sido utilizada como base para a proliferação do Bolsonarismo (de caráter pré-bonapartista) traz tanto possibilidades de restrições de direitos quanto deviolência simbólica em efeito cascata, gerada pela legitimação de discursos de ódio através de autoridades.

6. Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado**. 7.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

AZZI, Rafael. **Sua tia não é fascista, ela está sendo manipulada**. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Eleicoes/Sua-tia-nao-e-fascista-ela-esta-sendo-manipulada-/60/41968>>. Acesso em: 10 out 2018

CHAUÍ, Marilena; NOGUEIRA, Marco Aurélio. **O pensamento político e a redemocratização do Brasil**. Lua Nova, São Paulo, n. 71, p.173-228, 2007.

FEITOSA, Charles. Pós-verdade e política. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/pos-verdade-e-politica/>>. Acesso em: 10 out 2018.

MATOS, Daniel. **Bolsonaro: fascismo ou bonapartismo?**. Disponível em: <<http://esquerdadiario.com.br/ideiasdeesquerda/?p=506>> Acesso em: 10 out. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: Uma polêmica**. 1 ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.